

# A Influência da Etnia na Expansão Econômica Brasileira

Eng.º LUCIO GOMIDE LOURES  
Dir. Pres. CAESB

## I — O Início da Colonização

A partir do século XV a Europa sofre uma alteração violenta, com revoluções de ordem econômica e político-social. O espírito guerreiro religioso foi substituído pelo espírito mercantil; descobertas marítimas constituíram o novo e acentuado motivo de emulação entre os grandes Estados que passaram a compreender a importância da economia nacional forte para garantir uma potência militar fortalecida.

Para Portugal, o Brasil, no momento de sua descoberta, representava pouco valor econômico. A possível indústria extrativa não justificaria a ocupação mais efetiva do novo território, principalmente com população escassa, defrontando uma inundação de riquezas sem precedentes provenientes do comércio com o continente mais populoso e de mais antiga civilização mundial, e ainda, do saque e dos tributos impostos e correntes naquele tempo. O capital era escasso e esta-

va absorvido na revolução comercial. A carência de mercados, que só então começava a se desenvolver, as dificuldades de transporte do meio físico brasileiro não justificava que se fizesse, naquele instante, um esforço para a implantação da agricultura, somente permissível em ambiente de maior segurança, aliada a uma fácil e abundante mão-de-obra e a outras circunstâncias (1).

As vitórias portuguesas sobre os mouros; as conquistas dos portugueses na Ásia e na África e a oportunidade, para a gente senhoril ou simplesmente cristã, de empregar no serviço da terra ou nas artes manuais a negros, a índios orientais e a mouros — todos esses fatores juntos parecem ter desenvolvido em grande parte da população portuguesa o espírito de aventura e os preconceitos aristocráticos que se descobrem nos primeiros portugueses que emigraram para a América.

Na América Portuguesa esses preconceitos manifestaram-se em

gosto pela vida militar, em amor ao fausto e ao trabalho burocrático, ou ao parasitismo, em atividades escravocratas, drígdas no começo contra os índios, mas logo depois concentradas na importação de negros para as plantações quase feudais que alguns dos primeiros colonos portugueses chegaram a fundar no Brasil (2).

Fortanto, "quando em 1532 se organizou econômica e civilmente a sociedade brasileira já foi depois de um século inteiro de contato dos portugueses com os trópicos; de demonstrada na Índia e na África sua aptidão para a vida tropical".

Formou-se na América Tropical uma sociedade agrária na estrutura, escravocrata na técnica de exploração econômica, híbrida de índio, e mais tarde de negro na composição (3).

Hereditariamente predisposto à vida nos trópicos por um longo *habitat* tropical, o elemento semita, móvel e adaptável como nenhum outro, terá dado ao colonizador português do Brasil algumas das suas principais condições físicas e psíquicas de êxito e de resistência. Entre outras, o realismo econômico que desde cedo corrigiu os excessos de espírito militar e religioso na formação brasileira.

A mobilidade foi um dos segredos da vitória portuguesa. A escassez de capital-homem, suprimiram-na os portugueses com extremos de mobilidade e miscibilidade: dominando espaços enormes e onde quer que pousassem, na África ou na América, emprenhando mulheres e fazendo filhos, nu-

ma atividade genésica que tanto tinha de violentamente instintiva da parte do indivíduo quanto de política, de calculada, de estimulada por evidentes razões econômicas e políticas da parte do Estado.

Nenhum povo colonizador, dos modernos, excedeu ou sequer igualou nesse ponto aos portugueses, misturando-se gostosamente com as mulheres de cor logo ao primeiro contato e multiplicando-se em filhos mestiços que uns milhares apenas de machos atrevidos conseguiram firmar-se na posse de terras vastíssimas e competir com povos grandes e numerosos na extensão de domínio colonial e na eficácia de ação colonizadora. A miscibilidade, mais do que a mobilidade, foi o processo pelo qual os portugueses se compensaram da deficiência em massa ou volume humano para a colonização em larga escala e sobre áreas extensíssimas (4).

Desde os primeiros dias das capitâneas, mesmo antes delas, se bem em escala menor, o cruzamento com os índios havia começado e se tornara prática corrente. Tais uniões eram ilegítimas, a princípio, mas com o tempo se tornaram perfeitamente legais e religiosas, desde as conversões em massa ao catolicismo das tribos originárias; os mestiços oriundos delas ufanavam-se de de sua procedência paterna. Tanto mais, quando ao contrário do que acontecia com os negros africanos, os casamentos mistos com as cunhãs eram não só permitidos como fortemente preconizados e tidos em alta conta pela

lei portuguesa. Esses produtos euro-índios, chamados mameucos, desempenharam largo papel na conquista do país. Por seu intermédio, tribos inteiras foram trazidas da selva para os estabelecimentos do litoral e às fábricas rudimentares de açúcar dos portugueses.

Pouco a pouco, começou a ostentar-se um grupo racial misto: portugueses vindos da Europa, os chamados reinóis; portugueses nascidos no Brasil; meios-sangues, aliados aos genitores brancos; índios pacíficos e amigos (5).

Essa aliança possibilitou a grande vitória dos portugueses na primeira grande guerra nacional, assim denominada por Pandiá Calógeras, contra os invasores franceses em busca do pau-brasil. A guerra do pau-brasil, que durou quase um século (1520-1615), uniu e manteve coesos elementos desconexos e heterogêneos, cuja colaboração esteve sujeita a forças desintegradoras enérgicas, mas às quais pôde resistir de ano para ano mais vitoriosamente.

O primeiro ciclo econômico do Brasil, da política brasileira, foi deficitária ao erário português e assim permaneceu até quase os fins do século XVI. Então foram lançadas as bases da grande indústria do açúcar de que o Brasil iria se tornar o primeiro fornecedor do mundo, reembolsando regiamente Portugal e os portugueses das despesas feitas com esses trabalhos preparatórios. (6)

Neste primeiro ciclo pouca ou nenhuma foi a influência do negro na etnia brasileira. Praticamente reduziu-se ao português e

ao índio. Portugal, com pouca mão-de-obra só podia solucionar o problema necessário aos braços trabalhadores, economicamente, através da escravidão. Com esta mentalidade Portugal tentou a escravidão do índio.

Do puro ponto-de-vista de negócio, a solução do índio provou má. Eram criaturas primitivas; filhas das selvas e dos campos; não resistiam à vida em recintos fechados como eram as casas dos brancos, nem o esforço contínuo, aturado e duro do trabalho de cultura à moda européia ou de indústrias dos engenhos. Morriam aos magotes, quando escravizados; muitos suicidavam-se. A maioria evadia para a floresta. Em menor número, iludidos e presos pela astúcia do colono, perdiam todo o estímulo e permaneciam no cativeiro; nele não tinham vida longa, vítimas indefesas do sarampão, da varíola, da bebida, do ar confinado, fatores de rapidíssima eliminação.

Novos bandos predadores investiam o sertão, a descerem no vos rebanhos de gado humano, cada vez mais difíceis de se conseguirem pelo progressivo alongamento das regiões fornecedoras. (7)

Assim como a solução do índio fora um desastre, a do negro revelou-se preciosa e valiosa.

A mulher gentia temos que considerá-la não só a base física da família brasileira, aquela em que se apoiou, robustecendo-se e multiplicando-se, a energia de reduzido número de povoadores europeus, mas valioso elemento de cultura, pelo menos material, na

formação brasileira. A do homem foi formidável: mas só na obra do devastamento e conquista dos sertões, de que foi o guia, o canoeiro, o guerreiro, o caçador, o pescador. Muito auxiliou o índio ao bandeirante mameluco, os dois excedendo ao português em mobilidade, atrevimento e ardor guerreiro; sua capacidade de ação e trabalho falhou, porém, do ramerame tristonho da lavoura de cana, que só as reservas extraordinárias de alegria e robustez animal do africano toleraria tão bem. (8)

Essa exploração dos trópicos não se processou, em verdade, por um empreendimento metódico e racional, não emanou de uma vontade construtora e enérgica: fez-se antes com desleixo e certo abandono. Dir-se-ia mesmo que se fez apesar de seus autores.

Aos portugueses e, em menor grau, aos castelhanos, coube sem dúvida, a primazia no emprego do regime que iria servir de modelo à exploração latifundiária e monocultura adotada depois por outros povos. E a boa qualidade das terras do Nordeste brasileiro para a lavoura altamente lucrativa da cana-de-açúcar, fez com que essas terras se tornassem o cenário onde, por muito tempo, se elaboraria em seus traços mais nítidos o tipo de organização agrária mais tarde característico das colônias européias situadas na zona tórrida. A abundância de terras férteis e ainda mal desbravadas fez com que a grande propriedade rural se tornasse, aqui, a verdadeira unidade de produção. Cumpria apenas resolver o problema de trabalho. E verifi-

cou-se, frustradas as primeiras tentativas de emprego do braço indígena, que o recurso mais fácil estaria na introdução de escravos africanos.

Numa produção de índole semi-capitalista, orientada sobretudo para o consumo externo, teria de prevalecer por força critérios grosseiramente quantitativos. Em realidade, só com alguma reserva se pode aplicar a palavra "agricultura" aos processos de exploração da terra que se introduziram amplamente no país com os engenhos de cana. Nessa exploração, a técnica européia serviu apenas para fazer ainda mais devastadoras os métodos rudimentares de que se valia o indígena em suas plantações. Se tornou possível, em certos casos, a fixação do colono, não cabe atribuir tal fato a esse zelo carinhoso pela terra, tão peculiar ao homem rústico entre povos genuinamente agricultores. A verdade é que a grande lavoura, conforme se praticou e ainda se pratica no Brasil, participa por natureza perdulária, quase tanto da mineração quanto da agricultura. Sem braço escravo e terra farta, terra para gastar e arruinar, não para proteger ciosamente, ela seria irrealizável.

O que o português vinha buscar era, sem dúvida, a riqueza, mas a riqueza que custa ousadia, não riqueza que custa trabalho. (9)

Índios e mamelucos formaram a muralha movediça, viva, que foi alargando em sentido ocidental as fronteiras coloniais do Brasil, ao mesmo tempo que defen-

deram, na região açucareira, os estabelecimentos agrários dos ataques de piratas estrangeiros. Enxada é que não se firmou nunca na mão do índio nem na do mameluco; nem seu pé de nômade se fixou nunca em pé-de-boi paciente e sólido.

Se formos apurar a colaboração do índio no trabalho propriamente agrário, temos que concluir pela quase insignificância desse esforço. (10)

## II — A Expansão Territorial

O que caracterizou mais nitidamente a fixação do homem foi a formação de núcleos estáveis, com base na exploração de determinado produto: a economia e o homem se uniram para na exploração da terra assentar a sedentariedade da colonização. A criação sucessiva desses núcleos de exploração econômica tornou possível a ocupação do território. Ao estudar-se o processo de colonização do Brasil pode verificar-se que esses estabelecimentos apresentaram maior importância que aqueles tipos de organização político-administrativa criados pelo governo metropolitano no Brasil.

Os verdadeiros focos de povoamento foram aqueles que resultaram do agrupamento humano para uma exploração econômica.

A proporção que a ocupação do território se expandia, outros focos de povoamento se criaram, diversificando-se, em decorrência das próprias condições de diversidade regional da colônia, as características fundamentais dessa

expansão, sempre visando à exploração dos recursos naturais da terra.

Poderemos encontrar os seguintes tipos de exploração econômica, onde assentaram as bases do povoamento: os engenhos de açúcar, no litoral; os currais ou fazendas de gado, no interior nordestino; os sítios agroextrativos, na Amazônia; os veios de mineração, explorando ouro e diamantes, na área do centro interior; as estâncias gaúchas, no extremo sul.

Cumprе lembrar os núcleos posteriormente criados, surgidos com o decorrer da obra de expansão povoadora, tendo sempre na exploração de um produto ou de produtos a base de sua constituição. Surgem assim: as fazendas de café, no vale do Paraíba e em São Paulo; os seringais, no extremo norte; as fazendas de cacau, no sul baiano; as charqueadas, no Rio Grande do Sul; grupos extrativos, principalmente os ervais, na área mato-grossense com incursões na área paranaense e catarinense e na fronteira paraguaia; as salinas, no Nordeste e no Rio de Janeiro; as fazendas de tabaco e de algodão, muitas delas vizinhas das áreas já dominadas pela influência de outro produto.

## III — Atividade Econômica como Base de Ocupação Humana

O que surgiu economicamente resultou das condições que o meio propiciava: aqui apto à cana-de-açúcar; ali, para o algodão, acolá, para a criação de gado, mais além, para a mineração, adiante, para o extrativismo, e assim por diante.

*Nordeste Agrário do Litoral* — por esta parte do território brasileiro que começou a ocupação humana do Brasil; a economia açucareira, a princípio com o engenho de açúcar e hoje com a usina, tornou-se a principal responsável pela formação da sociedade agrária, de linhas aristocráticas, de características patriarcais na organização da família. Caracteriza-se, do ponto de vista étnico, pela maior mestiçagem entre brancos e negros, de que resultaram o mulato e os tipos secundários.

Teve grande importância no Brasil colonial, pela influência econômica e social do açúcar. Nos fins do século XIX começou a transformar-se do ponto de vista econômico, com a usina, isto é, a grande industrialização do açúcar, que se acentuou a partir dos fins da I Grande Guerra. Surge então a figura do usineiro. Com a usina acentuou-se a concentração fundiária. E a sociedade canaviieira, limitando-se a um grupo cada vez mais restrito, perdeu suas formas características.

*Nordeste Mediterrâneo* — Aberto à ocupação humana a expansão das correntes litorâneas e onde a sociedade que se formou teve no vaqueiro o seu tipo humano característico. A mestiçagem desenvolveu-se entre os brancos e índios, daí resultando o mame-luco, e em parte entre os brancos e negros e entre negros e índios.

Os currais e depois as fazendas de criação constituem o principal centro desta região, em cujo território outras características se foram desenvolvendo de modo a

criar novos aspectos culturais na região. Daí a divisão que sugerimos desta região em quatro sub-regiões, mais ou menos originadas de uma mesma expansão humana: a dos *sertões*, em que predominou o exclusivismo da pecuária na parte realmente mais árida do mediterrâneo; a dos *babaçuais* e *carnaubais* ocupada pela extração do babaçu e carnaúba, que desempenhou importante papel na respectiva ocupação humana; a das *terras úmidas*, assim caracterizada pela existência de uma pequena agricultura principalmente de subsistência dentro dos quadros áridos de todo o conjunto regional, tornando essa sub-região verdadeiro oásis; e a do *agreste*, em que se verifica a associação da criação de gado à agricultura em condições propícias e sobretudo peculiares ao respectivo meio.

*Amazônia* — o domínio da floresta e da água marca-lhe a característica física. Ainda hoje, neste ambiente, mais do que em qualquer outro, a presença do indígena é fundamental, básica, característica; é ele ou seu descendente, em alguns casos, produto mestiço com o branco, que representa o tipo físico, de par com sua participação em todas as atividades econômicas da região. O extrativismo, a princípio de drogas, hoje da borracha, da madeira ou do castanheiro, marca o estágio econômico da região.

*Mineração no Planalto* — A ocupação se fez com a exploração dos minérios, a princípio o ouro, depois os diamantes. Mamelucos, mulatos, reinóis, judeus, e não só

paulistas e nordestinos, participam do processo de formação humana. O mameluco foi o veículo humano que, ao lado do elemento indígena, mais contribuiu para a vitória sobre a serra, alcançando o planalto. Surgem também as primeiras manifestações mais sólidas de vida urbana, irradiando-se dos arraiais a formação de núcleos mais estáveis, com vida social e econômica de cidade. Em nossos dias, a região vem sofrendo grandes transformações, sobretudo com o desenvolvimento da metalurgia, sob cuja influência se verifica o processo de vida regional.

*Centro-Oeste* — A mineração abriu o processo de ocupação humana desta região. O elemento humano predominante foi o português, mestiçado com o indígena.

A construção da nova capital tem provocado o aparecimento de uma série de novos agrupamentos humanos.

*Extremo Sul Pastoril* — Teve sua formação originada da expansão de correntes paulistas, nordestinas e fluminenses e de ilhéus, estes vindos do século XVIII; a pecuária se tornou a sua principal atividade econômica, ainda hoje persistente apesar de se diversificar a vida regional. A criação de gado dos primeiros povoadores juntou-se a agricultura dos ilhéus.

*Colonização estrangeira* — Esta começa a surgir no século XIX, espraiando-se por um território até então não ocupado pelas correntes brasileiras ou lusos-brasi-

reiras. Sua ocupação humana deveu-se a correntes alienígenas, inicialmente alemães e italianos, e depois poloneses, russos, árabes; mais modernamente registraram-se suábios, holandeses e japoneses, que se espalharam por faixas vazias do extremo Sul, já hoje com seus descendentes emigrando para outras áreas. O processo de assimilação cultural vem desenvolvendo-se com a troca de valores, a permuta de elementos, a integração dos primitivos imigrantes e seus descendentes, criando, nessa região, um modo de vida próprio.

Além de uma atividade agrária desenvolveu-se, nesta região, uma atividade industrial, cuja característica principal é seu surgimento originado no artesanato rural. Imigrantes alemães e italianos praticavam seu artesanato, que foi pouco a pouco crescendo; desenvolvendo-se para atender às necessidades da comunidade em crescimento. Dele progressivamente vai surgindo a industrialização. Fábricas de tecidos, de objetos metalúrgicos, indústria química, indústria de couro e numerosas outras se originaram. Artesãos europeus que tiveram oportunidade de converter as suas oficinas em estabelecimentos industriais. Daí a grande percentagem da participação do imigrante em atividades industriais na zona de colonização; no Rio Grande do Sul ou em Santa Catarina, por exemplo.

*Café* — Distinguem-se dois momentos históricos que se assinalam de peculiaridades culturais: o da exploração cafeeira pelo tra-

balho escravo (Rio de Janeiro, Minas Gerais e parte de São Paulo) e o da exploração cafeeira pelo trabalho livre do imigrante (Sul de Minas, parte de São Paulo). Encontra-se em fase de grandes transformações, sobretudo por dois fatores: a criação de gado introduzida nas zonas decadentes de cafezais e a industrialização, que é o traço hoje mais significativo do desenvolvimento econômico e social de São Paulo, Guanabara e Rio de Janeiro, sobretudo no vale do Paraíba.

*Faixa Industrial* — Surgiu modernamente sobre zonas de antiga ocupação cafeeira. É a região onde se apresentam as transformações sociais, e não apenas econômicas. Não se caracteriza apenas pela existência de indústrias de transformação de pequeno vulto, mas ainda pela implantação de indústrias de base, de que se pode apresentar, como exemplo, o complexo industrial de Volta Redonda com a atividade siderúrgica.

A industrialização nessa região teve base no capitalismo, isto é, surgiu com a aplicação de capitais. Houve, aliás, alguns aspectos particulares, que merecem mencionar-se: a) — a transformação de agriculturas em indústrias; b) — sendo inicialmente de simples transformação de matéria-prima, a atividade alargou-se depois à grande indústria, e chegou em nossos dias à indústria de base; c) — a participação do imigrante, seja como trabalhador operário, pois representou mão-de-obra disponível para essa atividade nova, seja como industrial

aplicando capitais reunidos, que permitiram ampliar essa primeira experiência em experiências mais largas.

Esse processo de industrialização se inicia nos fins do Império e começos da República, incentivando-se, porém, a partir da Primeira Grande Guerra. São Paulo e Rio de Janeiro constituem os principais centros desse desenvolvimento industrial, ligando-se as duas cidades pelo crescimento industrial através do vale do Paraíba; nele justamente é que surgiu a grande indústria siderúrgica simbolizada em Volta Redonda (11).

## Conclusão

O Brasil é um país de extensão continental, cuja unidade e integridade deve-se, em grande parte, ao espírito colonizador do português. Adaptando-se ao meio, misturando-se com as outras raças, aventureiro e desbravador, expandiu as fronteiras brasileiras muito além dos limites do Tratado de Tordesilhas, deixando-nos um legado que será o principal fator de nossa grandeza.

A existência de um mercado interno, não sujeito a restrições de natureza alfandegária, da ordem de centenas de milhões de habitantes, possibilita a obtenção de economias de escala e condições de preços competitivos no mercado internacional.

Nosso principal potencial econômico é a nossa extensão territorial. Todos os demais fatores

econômicos são consequência da variedade de etnias, solos e climas, que permitem a diversificação da produção e do consumo.

Conforme cita Sérgio Buarque de Holanda, tiveram os portugueses, nessa proesa, sua maior missão histórica. Os portugueses, os

índios, os negros são os elementos preponderantes de nossa nacionalidade, complementados por grupos étnicos minoritários, cuja influência econômica somente se faz sentir na fase de industrialização do país.

### BIBLIOGRAFIA

- (1) Roberto C. Simonsen — "História Econômica do Brasil", pgs. 27/49
- (2) Gilberto Freire — "Novo Mundo nos Trópicos", pgs. 40/41
- (3) Gilberto Freire — "Casa Grande e Senzala", pg. 1
- (4) Gilberto Freire — "Casa Grande e Senzala", pgs. 11/12
- (5) Pandiá Calógeras — "Formação Histórica do Brasil", pg. 24
- (6) Roberto C. Simonsen — "História Econômica do Brasil"
- (7) Pandiá Calógeras — "Formação Histórica do Brasil", pg. 24
- (8) Gilberto Freire — "Casa Grande e Senzala", pg. 132
- (9) Sérgio Buarque de Holanda — "Raízes do Brasil", pgs. 12/17/18
- (10) Gilberto Freire — "Casa Grande e Senzala", pg. 132
- (11) Manuel Diégues Júnior — "Etnias e Culturas no Brasil", pg. 32 a 39

*"Mais importante do que a organização e as armas são os homens que compõem um moderno Exército. A modernização exige que o soldado seja bem preparado, alerta e inteligente. Ele deve saber pensar e agir rapidamente e ter versatilidade. E deve saber combater em condições superiores contra um inimigo acirrado.*

*Deve possuir, pelo menos em igual medida, a coragem moral e a devoção ao dever demonstrados pelos seus antepassados".*